

3. Os patriarcas segundo a Bíblia

3.1. Introdução

Israel, que se identificava mais com o reino de Judá, e passa se ver como Judeu, precisava e procurava uma forma de criar e fortalecer a sua identidade como povo, e fortalecer sua unidade para garantir a sobrevivência, no meio de vizinhos tão poderosos. Para isso seria importante ter uma narrativa fundante, uma identidade étnica, que passa a ser construída a partir de narrativas épicas maravilhosas que começam com a espetacular vocação dos seus patriarcas maiores, Abraão, Isaac e Jacó, chamados por um Deus único, supremo, por nome Javé, que lhes promete uma grande descendência e uma terra, condições necessárias para sua sobrevivência como povo.

Essa experiência épica se inicia em Ur da Caldeia, onde Abraão, um descendente de Set, filho de Adão e Eva, e de Sem, um dos filhos de Noé, tendo ouvido ali o chamado, se dirige rumo a Harã, depois ele desce por todo Israel até se estabelecer ao sul, próximo ao Deserto de Neguev. No caminho eleva altares para o seu Deus poderoso, único e muito ciumento, com quem faz uma aliança. A narrativa épica continua com outros grandes patriarcas, Isaac e Jacó, descendentes de Abraão, com os quais Javé renova a vocação e a aliança. Esta aliança é para a constituição de um povo, aliança de libertação e vida. Jacó e seus filhos, num tempo de penúria, partem para o Egito onde já estava um deles, José que fora vendido pelos irmãos e que, de forma fantástica, tinha se tornado primeiro ministro do Faraó. Essa epopeia continua no Egito em que este povo, tendo sido escravizado é libertado pelo mesmo Deus, Javé, sob o a liderança de Moisés, um dos descendentes de Levi, filho de Jacó, que de forma cinematográfica, conseguindo que Javé enviasse dez pragas para dobrar o poderosíssimo Faraó, que, embora sendo considerado por seus súditos como um pequeno deus, não era mais poderoso que o Deus de Israel. A narrativa continua mostrando um Deus que, com mão forte e poderosa, salva o povo da escravidão do Egito, protagonizando, durante a sua peregrinação pelo deserto, episódios cinematográficos como a travessia do mar a pé enxuto, a destruição dos exércitos do faraó, o maná que cai do céu, água que brota da rocha, e a chuva de codornizes para alimentar o povo, por quarenta anos de dura peregrinação. Em meio às dificuldades, povo vai caminhando, e também, de forma fantástica, recebe a revelação da lei no Monte Sinai. De fidelidade em infidelidade, sob a liderança de Moisés e do sacerdote Aarão, seu irmão, Israel vai caminhando rumo à terra prometida. Ainda de forma espetacular, Moisés sobe ao Monte Nebo, ao

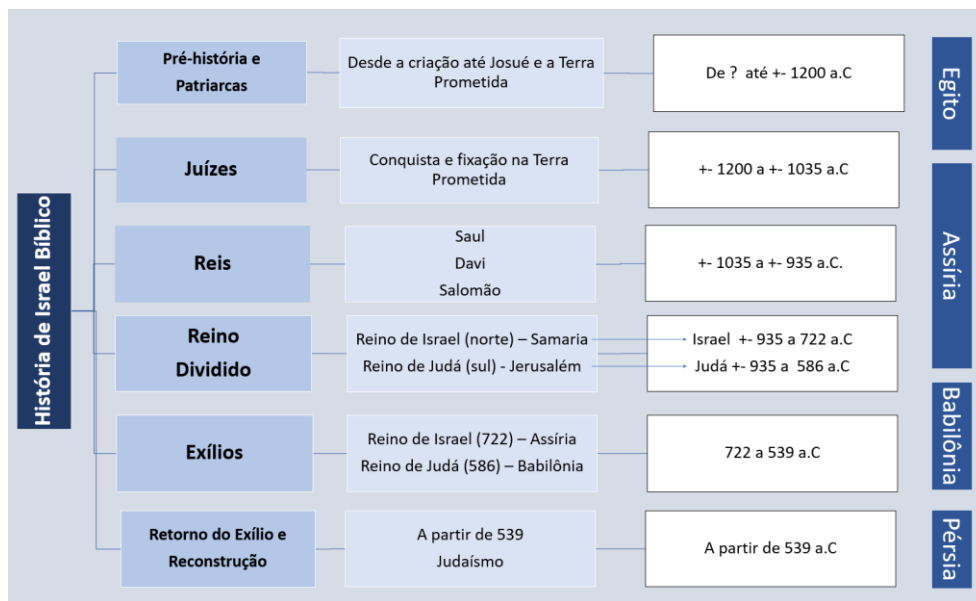
nordeste do mar morto e, antes de morrer e de passar a liderança para Josué, contempla a terra prometida. Josué lidera o povo em campanhas épicas, conquistando territórios e cidades, de vitória em vitória, ajudado por Javé, destruindo exércitos poderosos e passando-os ao fio da espada¹. Vai para o sul, vai para o norte conquistando e distribuindo o território entre as doze tribos de Israel, que forma uma confederação, onde prevalecem a igualdade e a justiça, e toda vez que precisam se defender este mesmo Javé lhes suscita líderes, os juízes, que bravamente, epicamente, cinematograficamente, conseguem vencer os inimigos. Em repetidas cenas de chacinas sem pena, os povos que ocupavam o território, são exterminados com a ajuda do braço forte de Javé. Diante da pressão e das ameaças de impérios vizinhos, que cobiçam aquele espaço, que tinha uma posição privilegiada na ligação entre Egito, Assíria, Caldeia, que servia de rotas militares e comerciais, as tribos mudam de estratégia, unificando-se num Reino, primeiro sob o comando de Saul e, depois, dos grandes Davi e seu filho Salomão, que constrói o Templo, que se torna o centro do culto e guarda da Arca da Aliança. A narrativa continua fantástica, tecendo uma história de grandeza, de muitas riquezas exageradas pelos redatores, de toneladas de ouro, de prata e de bronze, de palácios e de casamentos com muitas mulheres, fazendo aliança com povos vizinhos. Após a morte de Salomão, a ganância e a ambição provocam a divisão, formando-se um reino no norte, Israel, e outro no sul, Judá. A divisão e o consequente enfraquecimento, aliados à infidelidade dos reis e do povo à aliança com o único Deus, Javé, leva à triste experiência da destruição de Jerusalém, do Templo, e dos exílios do reino do norte, na Assíria e do reino do sul, na Babilônia.

Pregações dos profetas conseguem o arrependimento do povo, que, por sua vez, é agraciado novamente pela mão poderosa de Javé, que, por decisão de Ciro, rei da Pérsia, consegue retornar a Jerusalém, reconstruir o templo que será o único centro do culto e da lembrança da lei, e reconhecer-se novamente como povo, embora vivendo, a partir daí, diversas experiências de dominação de povos vizinhos e na obrigação de lhes pagar tributos. Conseguiu viver um tempo glorioso de independência, sob a dinastia dos Asmoneus, depois da revolta dos Macabeus, e, mesmo na dispersão, preservou sua identidade, na fidelidade à lei, nas celebrações anuais, e nos sinais externos de pertença a Javé: a circuncisão e a observância do sábado.

¹ Essas narrativas fantásticas da conquista estão no livro de Josué. No entanto, no livro dos juízes, a ocupação se dá diante de muita resistência, sugerindo, não uma conquista spielberguiana, com efeitos especiais, mas uma infiltração paulatina das tribos de Israel, que conviverão com os povos autóctones, como os cananeus.

Durante essa grande epopeia, surgiram esperanças num rei salvador, num messias, que seria reconhecido na pessoa de Jesus de Nazaré, pelos cristãos², constituindo, assim, um Novo Testamento.

E assim, o povo de Judá compõe sua grande epopeia, que será celebrada em grandes festas anuais, com hinos e salmos, para que o povo não se esqueça da aliança, tendo seus deveres lembrados em provérbios, livros de sabedoria e anúncios e denúncias dos profetas, para que não se esqueça do Deus que o libertou, primeiro do Egito, e depois dos cativeiros da Assíria e da Babilônia, e, de forma centralizada, celebra o culto no Templo reconstruído de Jerusalém, onde está também a sede do governo, a quem interessa essa autoconsciência e identidade guerreira do povo. E, segundo estudos mais contemporâneos dos especialistas, foi assim que surgiram os livros da bíblia que são muito importantes para a compreensão dos rumos que tomou a sociedade ocidental.

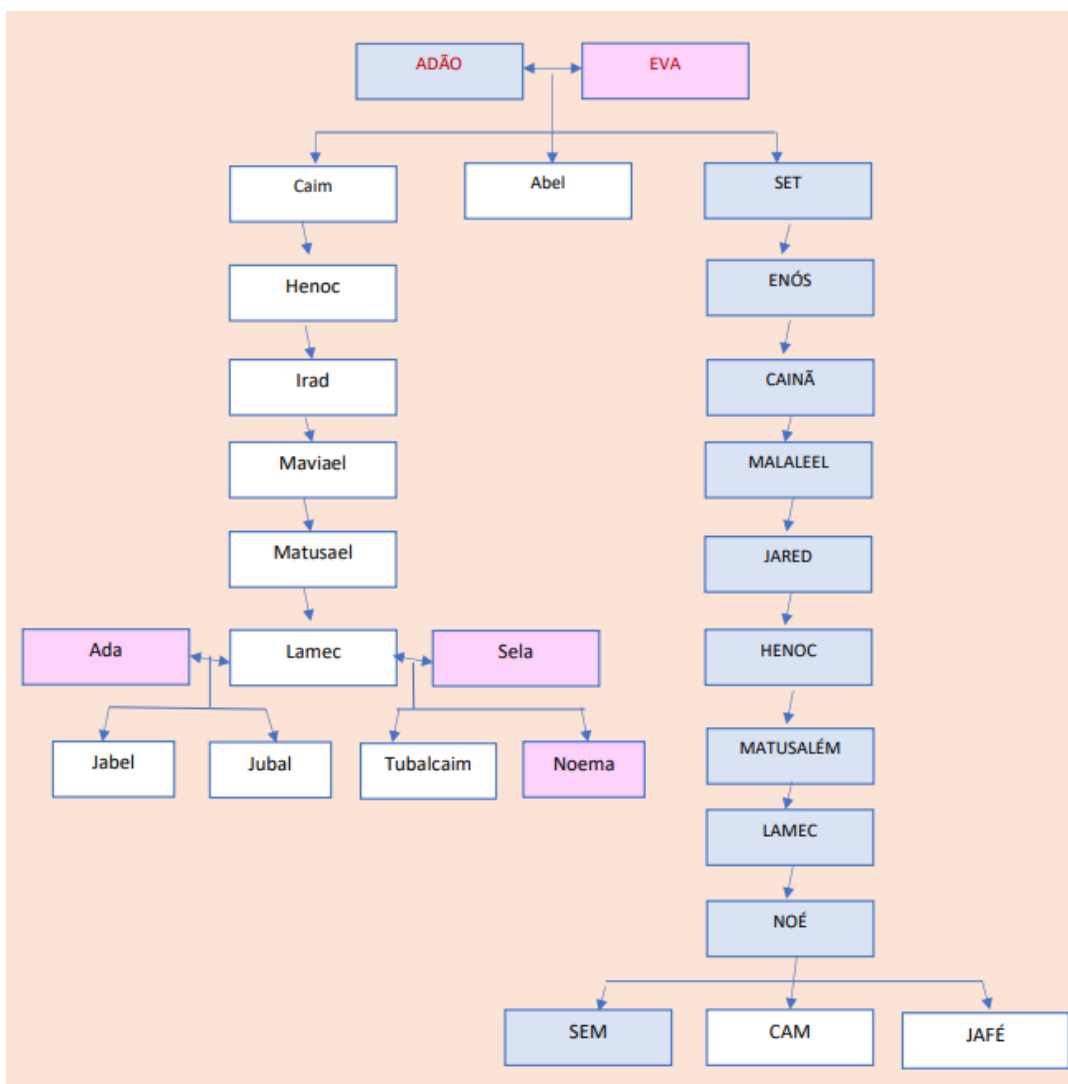


² Lembrar que, como já vimos, os judeus não creem que Jesus de Nazaré seja o Messias, o Cristo, e, por isso, não incorporaram no seu cânon bíblico, o Novo Testamento.

3.2. Genealogias

Para facilitar a compreensão da História de Israel Bíblico, é interessante apoiar-se em mapas conceituais, com as genealogias³, afinal são tantos nomes que o leitor, em geral, fica perdido.

3.2.1. De Adão e Eva até Sem, Cam e Jafé

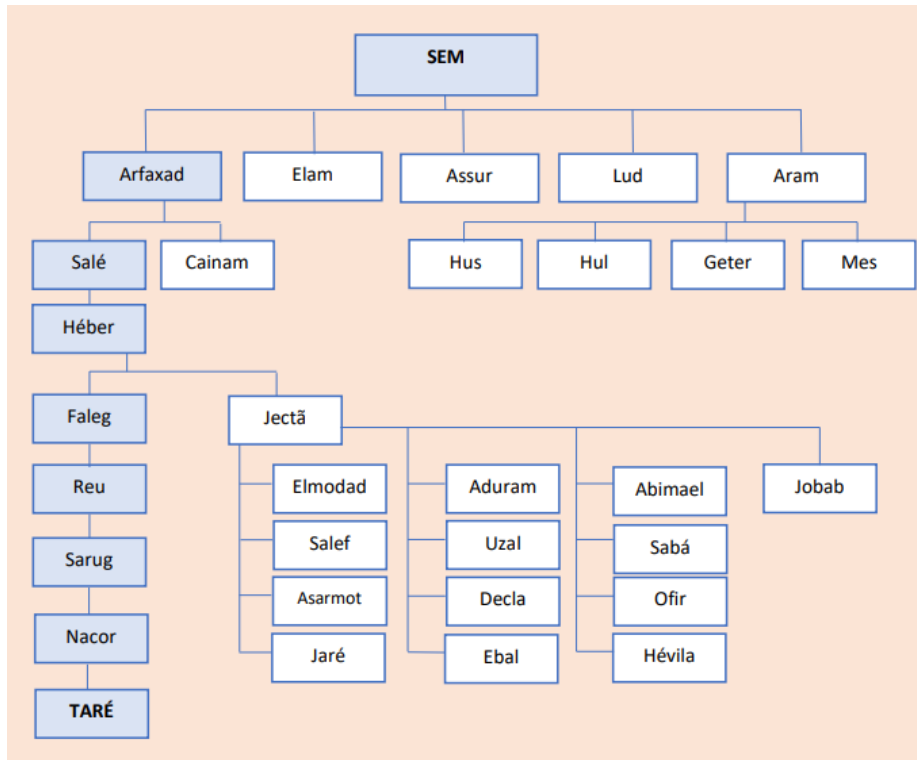


³ Nesta página, há muitos quadros com árvores genealógicas, que descem até as minúcias, que servem de orientação ao leitor:

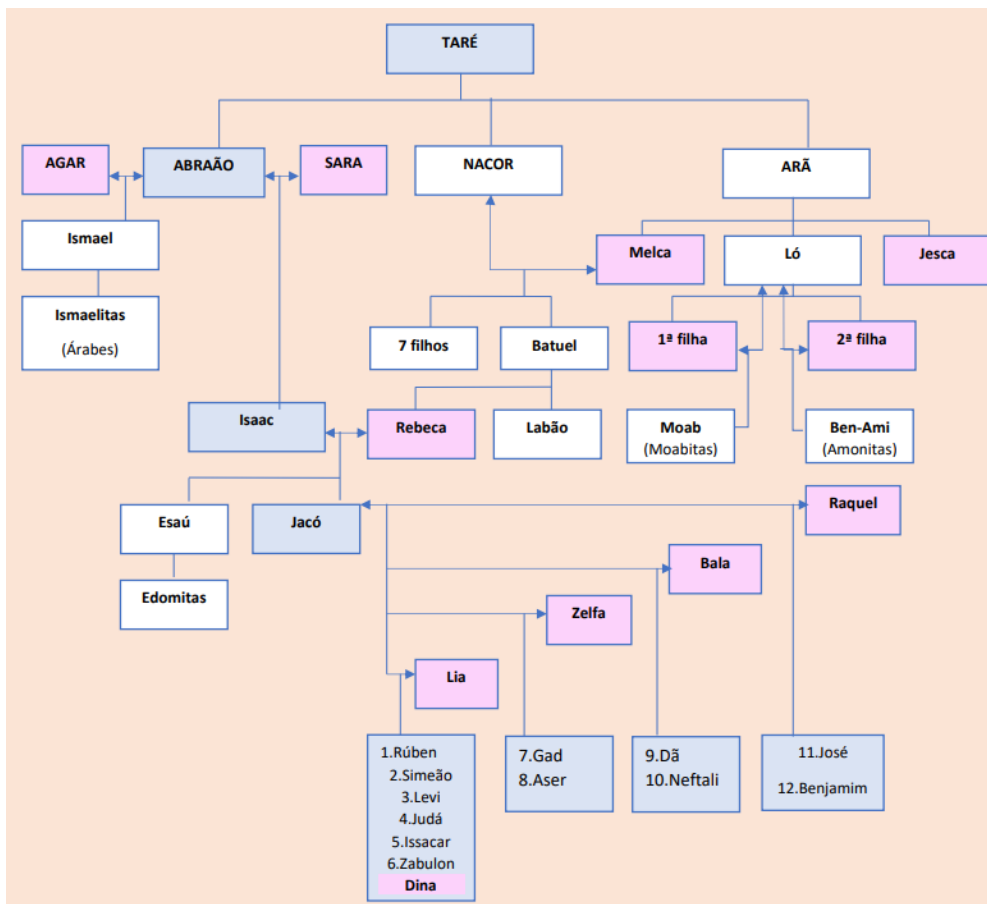
http://www.pesquisabiblica.org/fisico_politico_40_saga/genealogia_40_f2_juizes_reis.htm

ACESSO: 13 de setembro de 2023.

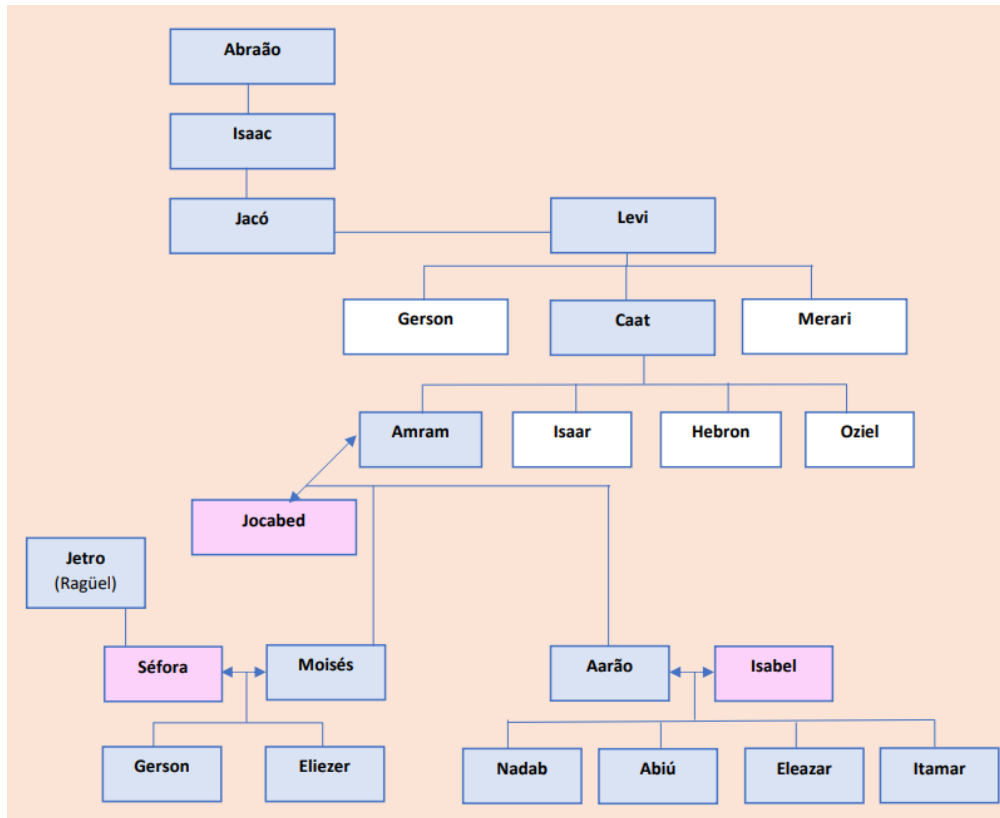
3.2.2. De Sem a Taré, pai de Abraão



3.2.3. De Taré aos 12 filhos de Jacó.



3.2.4. A descendência de LEVI – os levitas (de onde nasce Moisés)



Josué, segundo 1 Crônicas, 7, 20-27, é descendente da tribo de Efraim, um dos filhos de José, e neto de Jacó.

NOTA: este capítulo não está completo. Mas já é possível ter uma ideia do tempo dos patriarcas. Em breve estará pronto.